

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GREGORY TAUAN RAMOS BIEBERBACH

EDUCAÇÃO *OUTDOOR*: UMA “FERRAMENTA” NO ENSINO DE CIÊNCIAS E  
BIOLOGIA

CURITIBA

2013

GREGORY TAUAN RAMOS BIEBERBACH

EDUCAÇÃO *OUTDOOR*: UMA “FERRAMENTA” NO ENSINO DE CIÊNCIAS E  
BIOLOGIA

Monografia realizada pelo aluno GREGORY TAUAN RAMOS BIEBERBACH sob o GRR20075329, Orientado pelo professor Dr. Carlos Eduardo Pilleggi de Souza docente do Departamento de Teoria e prática de ensino, o DTPEN, da Universidade Federal do Paraná.

CURITIBA

2013

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus o único merecedor de toda honra e glória. Segundo a minha família e amigos que tem me ajudado e estão esperando por este momento tanto quanto eu. Também um agradecimento aos membros da banca, ao meu orientador e a todos que estiveram envolvidos neste processo.

Obrigado ao acampamento Terra Viva que tem me proporcionado grandes momentos e foi base essencial na produção deste trabalho. E a todos que de forma indireta me ajudaram e me capacitaram para este momento tão importante em minha vida.

“Que o Senhor nos leve não somente a ter mais da Sua vida,  
mas também menos de nós mesmos.”

Watchman Nee

## RESUMO

Nos dias atuais, propostas educacionais que envolvam o aluno, e que promovam um conhecimento e construção eficaz do conhecimento são extremamente importantes. Uma destas “ferramentas” de ensino é a educação *outdoor* que tem crescido muito ao longo dos últimos anos e se fortalecido como um recurso didático que vem a somar ao ensino de ciências e biologia e promove um melhor aproveitamento dos alunos no ensino fundamental e médio. Diversos programas têm aparecido e vem sendo utilizados como um diferencial em algumas escolas do Brasil e principalmente do mundo. Este trabalho teve como proposta primeiramente elucidar o que é educação *outdoor*, como funciona e de que forma ela é aplicada. Também consta uma breve observação crítica do que já vem sendo feito na região de Curitiba e se ela alguma forma auxilia e ajuda no ensino de ciências e biologia. Como resultados tivemos uma avaliação satisfatória da educação *outdoor* e constatamos sua eficácia inicial nos trabalhos observados. Entretanto, existe muito a estudar e pesquisar sobre a educação *outdoor*. Ela ainda tem vários problemas estruturais como o desconhecimento da população, a falta de preparo dos docentes e uma adequação a nossa realidade cultural. Mas vemos a EO com bons olhos e esperamos ver num futuro próximo mais pesquisas relacionadas a este tema no Brasil.

Palavras chave: ensino *outdoor*, educação ao ar livre, ciências, biologia, propostas pedagógicas de ensino.

## **ABSTRACT**

Nowadays, new approaches involving students and teachers and how to promote one effective construction of the knowledge is extremely important. One of these teaching tools is the outdoor education. That has grown tremendously over the years and became stronger as an educational key and has become one important tool for development of the students. Different forms has spread and used as differential teaching in some schools worldwide. This paper aims to elucidate what outdoor education is, how it works and how it is applied. And also with a small brief review of what is already has been done here and if has given some good feedbacks that helps positively in our science and biology teaching. We had great results from outdoor education in our initial observations. However, we have a lot to study and research about outdoor education. In Brazil we still have many issues as the knowledge of the population, lack of teacher preparation and lack of adaptation to the brazilian reality. But we have high expectations about outdoor education in the next years.

Keywords: adventure education, adventure programming, outdoor learning, outdoor recreation, wilderness education, environmental education.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EO	EDUCAÇÃO <i>OUTDOOR</i>
EUA	ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>2 CONTEXTUALIZANDO O TEMA</b> .....	9
2.1 A EDUCAÇÃO <i>OUTDOOR</i> HOJE.....	12
2.2 A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO <i>OUTDOOR</i> .....	14
2.3 PRINCÍPIOS PARA A EDUCAÇÃO <i>OUTDOOR</i> .....	17
2.4 PROPÓSITOS E OBJETIVOS .....	18
2.5 FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO EXPERIMENTAL E DA EDUCAÇÃO <i>OUTDOOR</i> ..	20
2.6 EDUCAÇÃO <i>OUTDOOR</i> E A PEDAGOGIA CONSTRUTIVISTA .....	22
2.7 EDUCAÇÃO <i>OUTDOOR</i> NO MUNDO.....	24
2.8 A EDUCAÇÃO <i>OUTDOOR</i> NO BRASIL .....	25
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	27
3.1 ACAMPAMENTO TERRA VIVA.....	27
3.2 OBSERVAÇÃO <i>IN LOCO</i> : “ <i>DAY CAMP</i> ” .....	29
<b>4 ANÁLISES E DISCUSSÕES</b> .....	34
4.1 A AVALIAÇÃO DE QUEM OFERECE .....	34
4.2 A AVALIAÇÃO DE QUEM FREQUENTA.....	35
4.3 A AVALIAÇÃO DE QUEM MONITORA E AUXILIA .....	36
4.4 DISCUSSÃO GERAL.....	37
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	39
<b>RERERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	42



## 1 INTRODUÇÃO

Primeiramente é prudente explicar o termo “*outdoor*”. Este conceito vai além de uma simples atividade fora da sala de aula. O seu significado indica uma atividade que ocorre fora dos limites de prédios, ou seja, ao ar livre, no mundo aberto onde a ciência e a biologia são mais visíveis e palpáveis.

A natureza e as atividades ao ar livre sempre estiveram presentes na sociedade humana, sendo pela pura observação ou por atividades guiadas de uma forma “não tradicional” de ensino. O contato com o ambiente natural auxilia na compreensão de diversas áreas inseridas nas ciências e biologia de uma forma diferente do que no ensino tradicional, dentro da sala de aula.

Mesmo na universidade, há muitas aulas teóricas e poucas aulas práticas, isso sem contar as poucas saídas de campo. Desse modo, o aprendizado cognitivo é pouco influenciado pelo ambiente e não há um aproveitamento adequado dentro do ensino da biologia. A teoria é necessária, mas associada em um contexto prático, torna-se muito mais interessante. Aliando estas duas, é possível construir um conhecimento mais representativo da realidade. No entanto, nos dias de hoje, este modo de aprendizagem com base no contato com a natureza é pouco explorado e pouco utilizado.

É muito comum se observar durante um ano letivo as aulas de ciências e biologia serem ministradas dentro de salas de aula. As legislações vigentes, o MEC e as escolas não estimulam tais atividades, em parte por algumas delas demandarem por mais recursos financeiros e humanos, em parte pelo desinteresse em implementarem tais iniciativas. Em poucas escolas públicas estas atividades *outdoors* realmente acontecem e quando acontecem, em sua grande maioria são iniciativas de um ou mais professor (es) de disciplina (s) específica (s) e, raramente, pelas mesmas estarem contemplando o programa político pedagógico da escola. Já nas escolas particulares, apesar de tais atividades serem mais frequentes, quando ocorrem são concebidas como mais uma forma de entretenimento.

Nos EUA, Europa e Oceania as atividades com saídas da sala de aula têm funcionado como uma “ferramenta pedagógica” inseridas no plano de ensino de

ciências e biologia. Baseado nisto, as saídas seriam ferramentas recorrentes de ensino e, por consequência, fortalecimento do aprendizado.

Segundo Gaston Bachelard, “nada é evidente, nada é gratuito. Tudo é construído”. Os obstáculos epistemológicos e as diversas formas de construção de conhecimento não são uma nova forma e, sim, uma nova maneira de continuar o conhecimento, após o surgimento de novos obstáculos (BACHELARD, 1938). Atividades como esta não são meramente recreativas, mas são responsáveis pela construção do conhecimento do aluno, auxiliando uma compreensão mais completa e ampla do conteúdo.

Portanto, estudando metodologias e técnicas específicas, é possível utilizar estas atividades em prol do conhecimento do aluno e da formação não só acadêmica mas também intelectual e cidadã dos alunos. A partir disso, há a possibilidade de corroboração da ideia de que o conhecimento exclusivamente teórico não gera aprendizagem plena. Uma abordagem mais sólida e unificando teoria e prática com uma ferramenta destas auxilia e muito na interatividade, interdisciplinaridade e na formação socioambiental dos alunos.

## 2 CONTEXTUALIZANDO O TEMA

A Educação *outdoor*(EO) durante muito tempo foi compreendida e difundida como: "*Outdoor education is education 'in', 'about', and 'for' the out-of-doors*" (DONALDSON e DONLADSON, 1958 p.63, apud PRIEST, 1986 p.13) ou seja, a Educação *outdoor* é uma educação “em”, “sobre” e “para”. Foi uma tentativa de exemplificar e tentar de uma maneira simples, mas um tanto quanto complicada simplificar e explicar o que seria está “nova” forma ou “ferramenta” de ensino. Esta definição nos apresenta 3 palavras chaves e essenciais “*in*” “*about*” e “*for*”. A Palavra “*in*” que significa “em” representa a localização, indica o lugar onde acontece, e pode acontecer em qualquer lugar, desde um pátio escolar, uma praça pública, um canteiro de obras, uma horta ou um terreno vazio, pode ocorrer em lagos, cidades, campos e vastas plantações, pode até ser representada como uma volta na quadra, ela não tem uma localização definida ela pode ser desenvolvida em basicamente qualquer lugar. Estas localidades seriam apenas um condutor e promotor das primeiras experiências e do contato direto com o tema proposto e parte integrante do processo relacional e de socialização propostas pela EO.

“*About*” é o termo que explica não só o meio ambiente, mas sobre o meio em que vivemos. Tem relação com os contextos culturais e a relação com a natureza. É neste ponto em que falamos, este é o momento da interdisciplinaridade, neste contexto a EO pode estar representando qualquer uma das matérias curriculares tradicionais, desde ciências e biologia; até outras mais complexas como sociologia, habilidades físicas, sustentabilidade e educação ambiental. Este é o tópico da interação do ser humano com a natureza e suas relações, é o ponto onde temos o cuidado com o lugar em que vivemos.

É neste momento que os alunos podem aprender muito com o passado, com a história de povos antigos, sobre tempos antigos, como chegamos ao “hoje”, ao “agora”, sobre maneiras de como o ser humano influenciou as paisagens, a sociedade de maneira geral, como nos encontramos, como chegamos ao ponto que estamos vivendo, isto sem contar com toda a herança cultural deixada pelos nossos antepassados.

“For” nos mostra o propósito dela, o propósito seria o aprendizado cognitivo psicomotor e toda a forma de compreensão do ecossistema em que vivemos. Aprendendo a usar, transformar e compreender os recursos que temos, a forma que temos utilizados e como usar isto na capacidade de manter e conservar o planeta que habitamos.

Esta definição de EO ainda é muito utilizada por vários lugares de acampamentos ao redor do mundo, entretanto por ser uma definição da década de 50 e uma das primeiras fez com que a EO fosse divulgada e amplamente utilizada por quase 25 anos, ela teve uma forte crítica na década de 80 por alguns educadores que defendiam o fato de que a educação outdoor poderia ocorrer também dentro de sala de aula. Alguns outros críticos ainda afirmavam que a EO não somente seria como uma forma de cuidar da natureza, mas uma forma de promover a reflexão na mente dos alunos, fazer com que cada um tenha um senso crítico e utilizando de princípios como o autoconhecimento e aprender a resolver problemas. Com estas duras críticas, tentou-se formular novas ideias sobre a educação outdoor. Até que em meados de 1986, Simon Priest publicou um artigo no “*The Journal of the environmental education*” o que seria uma redefinição dos conceitos da educação outdoor.

De acordo com o autor Priest (1986, p. 13).

*As we move into the later part of 1980s, this author would like to offer a redefinition of the term outdoor education: Outdoor Education is an experimental process of learning by doing, which takes place primarily exposure to the out-of-doors. In outdoor education the emphasis for the subject of learning is placed on relationships, relationships concerning people and natural resources.*

Ou seja, Priest explica que para ele a EO é focada no relacionamento tanto entre as pessoas quanto o relacionamento com a natureza. O próprio autor se baseia nesta definição em seis tópicos base.

Primeiramente ele defende a ideia que a EO é um método de aprendizado, como Smith *apud* Priest (1986) nos diz que a educação outdoor é um jeito de aprendizado das coisas que podem ser compreendidas muito melhor fora das salas de aulas.

Segundo ponto que defende Priest é de que o processo é experimental, e de vital importância que se obtenha experiências significativas no processo educacional.

*That which ought can best be taught inside the classroom should be there taught, and that which can best be learned through experience dealing directly with native materials and life situations outside the school should there be learned (SHARP apud PRIEST 1986, p.14)*

O Terceiro ponto que o Priest defende é o conceito de que a Educação Outdoor não acontece exclusivamente “*outdoor*”, acontece primariamente fora, mas não exclusivamente. A preparação para a saída de campo, por exemplo, ou até a aula expositiva de um conhecimento básico antes ou depois de ocorrer uma saída é parte integrante da educação *outdoor*, mas é no ambiente de fora que ele vai ser inspirado ao aprendizado.

Quarto ponto significativo na EO para Priest é que para este aprendizado experimental é necessário o uso de seis sentidos: visão, som, gosto, tato, cheiro e intuição. E que para isso, envolve os domínios da cognitividade, afetividade e motor. As crianças usam os sentidos para aprender, e aprendem através de processos. E dentro dos processos que não podem faltar na educação *outdoor* segundo Ford (1980) são: conhecimento, habilidades e atitude.

O quinto ponto seria que aprendizado através da educação *outdoor* é uma questão de interdisciplinaridade. É uma forma de alcançar os objetivos do currículo proposto não significando que ela será aplicada apenas com base no currículo escolar. Ela pode, e de fato é extremamente eficaz na utilização escolar, mas pode ser aplicada em outros currículos além da formação escolar. A educação *outdoor* vai além do currículo, mas não deixa de contemplar e contribuir com a formação básica dos alunos das escolas, colégios e universidades.

Em seu último ponto o autor defende que o mais importante é que a EO é uma questão de relacionamentos. O relacionamento entre pessoas, cuja cooperação, união e confiança são formas de como as pessoas se relacionam em sociedade. Também o relacionamento intrapessoal da sua mente, do seu nível de independência e da percepção de suas habilidades e limitações. As relações da própria natureza, como ela

se recupera de danos, como ela funciona e quais suas formas de interação ecosistêmicas. E por último, mas não menos importante a relação e interação entre as pessoas e o ambiente que as rodeia. Desde o impacto da nossa existência e atividades sobre a natureza até o impacto e nossa influência positiva e/ou negativa sobre o meio em que vivemos.

A EO tem sido muito utilizada em basicamente duas linhas. Uma mais radical ou aventureira onde se privilegia as relações interpessoais e de cooperação. Estas atividades permitem um trabalho de equipes e promove um crescimento significativo nos indivíduos. E uma segunda linha mais educativa onde o ambiente serve como pretexto para tratar de questões mais ecológicas e éticas.

## **2.1 A EDUCAÇÃO *OUTDOOR* HOJE**

A Educação *outdoor* é uma construção cultural que é usada e aplicada de diferentes formas, em diversos países. Mas hoje é possível fazer um esboço das principais formas de atuação e o alcance dela na sociedade. A EO seria a junção da educação ambiental, atividades ao ar livre e desenvolvimento pessoal e social (figura 1).

A partir desta ideia podemos observar a forma como estas se interagem promovendo uma gama de diferentes possibilidades de conceitos e formas de se promovê-la.

## THE RANGE & SCOPE OF OUTDOOR EDUCATION



Figura 1 - Os componentes da educação *outdoor*  
 Fonte: Higgins, P e Nicol, R (2002).

Por trás das ideias teóricas da educação *outdoor* se encontra aplicações variadas. Podemos perceber que fatores culturais e de interpretação pessoal fazem com que as possibilidades se ampliem. Podendo usar as características locais, ambientando a cultura local e utilizando lugares típicos da região. A EO tem uma inserção nas diversas sociedades e culturas. Podendo ser adaptada e utilizada em qualquer parte do mundo.

Não se pretende dizer que a educação *outdoor* é melhor do que qualquer outra forma de aprendizado em sala de aula, mas sim uma ferramenta conjunta de forma a aprimorar e integrar esta com as técnicas de ensino "*indoor*" afim de que o aluno consiga aprender com a experiência e possa alcançar um desenvolvimento pessoal e social. Para o desenvolvimento temos alguns pontos chave.

- 1- A EO tem uma grande base na educação experimental, e é de suma importância fornecer ferramentas para o crescimento emocional, físico e espiritual. Assim como as atividades encorajam o aprendizado, muito acima de encorajar a competição ou *performance*.

- 2- A EO promove uma via importante nos relacionamentos, mas para que este aprendizado seja proveitoso é necessário cuidado e atenção durante todo o processo. Inúmeras pesquisas vêm mostrando que a educação *outdoor* e a educação experimental vem trazendo bons frutos, mas que as atividades, os objetivos, a duração e a qualidade do educador são intrinsecamente parte do resultado. Pesquisas ainda revelam que tempo mínimo para se tirar um bom proveito seriam quatro dias de programa, tendo mais tempo melhor.
- 3- Considerando o programa é sempre importante pensar nos objetivos, métodos, conteúdo, avaliação e reivindicações. E por fim, a nossa reflexão sobre o que fazemos é parte integrante do processo. Devemos sempre nos questionar: Por que fazemos estas atividades? Por que com estes indivíduos? Por que neste local e neste momento? O que a teoria e a experiência me dizem sobre a escolha desta atividade? O que eles estão aprendendo com ela? E como saber se nossos objetivos foram alcançados?

Estas perguntas devem ser feitas por nós educadores a todos os momentos, e especialmente quando nos referimos a educação *outdoor*, num mundo repleto de mudanças e tradições, nos devemos perguntarmos isto sempre que possível, para nos ajudar a manter no caminho certo, e a nos reposicionar caso haja algum desvio.

## **2.2 A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO *OUTDOOR***

A “Educação *Outdoor*” não é algo novo, há muitos anos vem se falando e se escrevendo sobre ela fora do Brasil e vem sendo amplamente difundida e praticada auxiliando no ensino de ciências, biologia e muitas outras “disciplinas” da vida.

A própria EO não tem uma definição precisa, pois a cada livro, cada artigo ou cada escola utiliza-se de uma grande variedade de termos e definições, e fica muito complicado resumir tudo em uma frase, sem falar que é preciso ter conhecimento do assunto, pois as interpretações de EO são muito distintas e podem ficar inapropriadas, perdendo o foco e o objetivo (BROOKES,2004). Mas para auxiliar o nosso entendimento e é necessário compreender a origem dela.



Investigando a origem da educação *outdoor* deveríamos olhar a natureza e a evolução da própria espécie humana. Não deveria soar estranho dizer que ela se iniciou com nossos ancestrais há milhares de anos atrás onde estávamos sujeitos a apenas aprender lá fora, com o mundo. Onde não havia escolas ou salas de aula, onde o descobrimento de toda nossa forma de conhecimento estava apenas a um passo de distancia, e sempre lá fora. A constante busca por novas formas de interagir com o ambiente e aprender com ele esteve sempre presente na história da natureza humana.

A sala de aula era as experiências da vida, e o que cada um fazia para buscar novas ideias era experimenta-las lá fora. Somente a alguns milhares de anos atrás que a nossa sociedade começa a ficar sitiada, ocorrendo o afastamento, ou melhor, a separação do que fica para dentro e o que estava lá fora.

Podemos encontrar experiências e algumas formas de educação há cerca de 10.000 anos atrás, sugere James Neill (2004). Entretanto, pensando em tempos mais recentes, é possível identificar escolas no final do século XIX e início do século XX, onde aparecem os primeiros acampamentos e escolas que abordariam esta temática, isto sem falar também em algumas linhas de escoteiros que começaram a surgir. Hammerman (1980) afirma que o início dos programas de educação *outdoor* nos Estados Unidos foi em 1930.

Um dos grandes marcos desta então nova forma de ensino foi a criação do primeiro programa em 1941 da “*Outward Bound*” pelo alemão Kurt Hahn e que se preocupou, no período da segunda guerra mundial a ensinar jovens marinheiros a sobreviver no mar e/ou nos botes salva vidas, pois foi constatado o número elevado de acidentes fatais de jovens marinheiros pois não possuíam experiência ou condições para sobreviver. O índice de jovens marinheiros a retornar era inferior aos marinheiros mais experientes. A “*Outward Bound*” não foi a primeira escola a ter cursos sobre EO, mas foi de extrema importância e ainda hoje atua em mais de 30 países.

Dos 50 até 70 teve o início de alguns programas e acampamentos com esta temática em foco. E recentemente, especialmente nos Estados Unidos e Europa, aconteceu uma explosão do tema, com várias escolas adotando estas ideias e promovendo a EO de diversas formas. Entre vários destes cursos temos várias vertentes com nomes e ideias semelhantes.

Como ilustra o quadro abaixo (figura 2) podemos encontrar aproximadamente 44 tipos diferentes e similares de educação *outdoor*. Destas 44 por volta de 38% se referem a alguma forma de ensino e aprendizado, juntos com outros 49% referindo ao termo *outdoor*, ou meio ambiente, natureza e afins. Ou seja, como não existe uma definição clara do que é, cada um escreve e utiliza sua própria definição, impedindo uma divulgação clara e objetiva sobre o tema, pois com tantas pequenas variações acaba tornando a interpretação e as formas de utiliza-la das maneiras mais diversas possíveis. Mas aqui focaremos na educação *outdoor*, que ainda não é presente em nenhum currículo oficial no Brasil, mas tem se mostrado eficaz em alguns países, vindo a ser utilizado curricularmente em várias escolas.

Terms which are similar or closely related to outdoor education (N = 44) [square brackets indicate synonymous terms]	Major Keywords x = indicates a term's use of a keyword				Minor Keywords
	Adventure	Education / learning	Environment / nature / wilderness	Outdoor	
n of terms using keywords	8	17	10	12	34
% of items using keywords =	18%	38%	22%	27%	76%
adventure experience	x				experience
adventure therapy	x				therapy
adventure tourism	x				tourism
adventure-based counseling	x				counseling
adventure[-based] education	x	x			
adventure[-based] learning	x	x			
adventure[-based] program(ming)	x				
boot camps					boot camps
camping [summer camp]					camping
camping education		x			camping
challenge education		x			challenge
character education		x			character
common adventure	x				common
conservation education		x	x		
environmental education		x	x		
environmental interpretation			x		interpretation
experiential education		x			experiential
experiential learning		x			experiential
extended stay outdoor education		x		x	extended stay
leisure education		x			leisure
nature education		x	x		
nature recreation			x		recreation
nature tourism			x		tourism
outdoor activity				x	activity
outdoor education		x		x	
outdoor learning		x		x	
outdoor[-based] experiential education		x		x	experiential
outdoor[-based] program(ming)				x	
outdoor pursuits				x	pursuits
outdoor recreation				x	recreation
outdoor behavioral healthcare				x	behavioral health-care
outdoor environmental education		x	x	x	
outdoor survival				x	survival
Outward Bound					Outward Bound
residential camping					residential camping
resident[ial] outdoor programs				x	resident
[ropes] [challenge] courses					ropes challenge
service learning		x			service
survival programs					survival
stress camping					stress camping
wilderness experience			x		experience
wilderness recreation program(ming)			x		recreation
vision quests					vision quests
wilderness therapy			x		therapy

Figura 2 - Termos similares e muito parecidos com a da educação *outdoor*

Disponível em <http://www.wilderdom.com/definitions/definitionstable.html>, Acesso em: 26 novembro de 2013

## 2.3 PRINCÍPIOS PARA A EDUCAÇÃO *OUTDOOR*

Princípios de comportamento, moral e ética são grandes pilares da educação

*outdoor*. São princípios que não importa a forma como o programa é dirigido ou orientado, mas o mesmo conjunto de valores persiste.

Primeiramente é o compromisso da responsabilidade humana na conscientização e educação ambiental, o conceito de ser ecologicamente correto, socialmente justo e culturalmente aceito. Não importa o que será ensinado, mas precisa ser conduzido a uma ação ética e de cuidado para com a natureza. Outro compromisso são os propósitos cognitivos da EO em todas as áreas. Desde a relação interpessoal até a relação ser humano/natureza. O Conhecimento básico de ecologia, sociologia e diversas culturas é um pré-requisito para uma eficaz educação ambiental. Importante frisar que a educação *outdoor* não dá as respostas para as decisões a serem tomadas, mas prepara as pessoas no difícil processo de tomada de decisões que afetarão e/ou tem forte influência no ambiente, na cultura e nos seres humanos.

Outro fato importante é da relação ser humano/meio ambiente. Como esta relação é diária, num sentido que a todos os momentos estamos num processo de interação com o meio ambiente, é muito interessante estarmos devidamente informados e com o conhecimento sobre o que está ao nosso redor. Este ponto tem implicações práticas muito importantes durante uma atividade *outdoor*, como por exemplo, num caso onde ocorra alguma emergência, o conhecimento do ambiente pode ser fundamental para o bem estar ou a saúde de vítima.

E por último um dos princípios da EO é que você não ensina isto uma vez ao ano para alunos. A educação *outdoor* é um ensino continuado para a vida inteira, onde somos sempre alunos, e a cada coisa que aprendemos com nossa experiência faz com que num futuro próximo, sejamos professores dos mais novos.

## **2.4 PROPÓSITOS E OBJETIVOS**

Uma ótima contextualização dos propósitos e objetivos foi desenvolvido por Priest and Gass. (PRIEST AND GASS *apud* NEILL, 2004). Eles enumeraram quatro tipos de propósitos para os diversos programas presentes na EO. Alguns destes

programas podem apresentar vários, ou apenas um ou dois, mais estes são alguns dos que regulam e orientam os projetos e programas integrantes da educação *outdoor*.

- 1- Recreação é um deles, os programas são feitos para modificar a forma que as pessoas se sentem e além da diversão, proporcionar bons momentos para os praticantes e educadores. Por exemplo, um passeio em uma cachoeira.
- 2- Um segundo e muito importante também é o aspecto educacional. Onde além da forma com que as pessoas sentem, mas também como elas pensam. Aprender habilidades e informação sobre aquele ambiente. Por exemplo, a geografia do local da caminhada, formação geológica do local.
- 3- Os programas também são realizados para desenvolver, não somente para mudar a forma com que as pessoas sentem e pensam, mas a forma com que elas se comportam. Este desenvolvimento através de um crescimento pessoal na forma como você percebe o seu redor. Por exemplo, através de uma caminhada onde você irá tentar superar os limites. Tentando alcançar objetivos pessoais, de resistência, autodisciplina e construir uma boa autoestima.
- 4- Fins terapêuticos e correccionais são também propósitos e objetivos da EO, através de programas que mudam a forma de pensar, sentir, comportar e resistir e/ou persistir. Corrigir um problema individual ou de grupo, por exemplo, através de um passeio para pessoas de uma clínica de reabilitação ou detentos próximo de suas condicionais. Espera-se que com esta atividade possa proporcionar um tempo de reflexão e uma experiência significativa para suas vidas.

Somado a estes objetivos anteriores, James Neill (2006) também destacam alguns outros fatores como físicos, espirituais, de relacionamento e ambiental. Físico, pois envolve atividades de exercício físico, perda de peso, cuidados na alimentação e bem estar. Ele ainda está aliado a fatores preventivos, educacionais, terapêuticos e muitos outros.

Nos fatores espirituais um grande número de igrejas e grupos religiosos faz uso de tais atividades como forma de conhecimento espiritual e experiência. Como

acampamentos com uma combinação de atividade *outdoor* e instrução espiritual assim como outros objetivos como a própria recreação.

O relacionamento interpessoal está sempre enlaçado com a educação *outdoor*, normalmente com programas orientados cujo objetivo é a unidade de um casal, pequenos grupos ou uma comunidade. Neste caso o individual não é o foco, mas sim a unidade e análise do resultado como um grupo. Por exemplo: o ambiente de uma sala de aula sendo o foco ou a produtividade de um grupo. Aqui o trabalho em equipe e a comunicação desta são pontos que discutimos na avaliação.

E por último e não menos importante um objetivo ambiental. A educação ambiental é muito importante na EO, pois além de ser o local onde ensinamos, ela foca na prevenção e instrução afim, por exemplo, de reduzir o impacto produzido pela população em determinado ecossistema ou ainda criar programas para conscientização ambiental de crianças, mutirão da limpeza e/ou recolhimento do lixo.

## **2.5 FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO EXPERIMENTAL E DA EDUCAÇÃO *OUTDOOR***

Muitos filósofos foram responsáveis pela filosofia da educação *outdoor*. Desde a antiguidade dos tempos gregos, temos grande influência do aprendizado pela experimentação. Poderíamos citar Aristóteles, Platão e Sócrates como grandes auxiliadores do processo com a perspectiva da educação experimental. Se pensarmos em Aristóteles, o aprendizado experimental cria oportunidades para estudantes e professores desenvolverem sua “*phronesis*” em grego, sua sabedoria.

A influência grega antiga teve alto impacto no aprendizado experimental e conseqüentemente na educação *outdoor*. Seja pelas questões contemplativas de Sócrates, seja pelo currículo integral orientado de Platão ou ainda pelo desenvolvimento do caráter através da experiência de Aristóteles.

Podemos achar outros educadores mais recentes abordando está temática, como por exemplo, um autor falando sobre a aprendizagem natural que é consistente com a educação *outdoor*, John Amos Comenius (1592-1670). Ele que acreditava que

as crianças deveriam experimentar o objeto de estudo antes mesmo de ler sobre o assunto, ele acreditava que o uso dos sentidos seria a forma com que a criança entrava em contato com o mundo natural. E que para o estudo das ciências naturais se requeria primeiramente o conhecimento de coisas naturais básicas, como a água, fogo, vento, rochas, etc.

Não somente Comenius foi um grande estimulador da ideia e do conceito de aprender fazendo, outros vieram e contribuíram com algumas de suas ideias, um destes que levaram as ideias de Comenius adiante foi Jean-Jacques Rousseau (1712-1778). Rousseau dizia que as crianças eram curiosas por natureza e devíamos explorar isso, com uma educação mais sensorial e racional. Muito melhor do que aprender indiretamente com livros, mas aprender diretamente através da experiência. Rousseau afirmava que os nossos primeiros professores são nossos pés, mãos e olhos.

Johann Henrick Pestalozzi (1746-1827) foi também um defensor do uso direto das experiências com o objeto real. Ele defendia também o ensino de coisas práticas do dia-a-dia. A ideia de Pestalozzi era de que aprendendo estes princípios e experimentos iniciais, seria mais fácil para futuramente compreender e formular princípios próprios. Pestalozzi orientava os professores a sair da sala de aula.

*Lead your child out into nature; teach him on the hilltops and in the valleys. There he will listen better, and the sense of freedom will give him more strength to overcome difficulties. But in these hours of freedom let him be taught by Nature rather than by you. Let him fully realize that she is the real teacher, and that you, with your art, do nothing more than walk quietly at her side. Should a bird sing or an insect hum on a leaf, at once stop your talk; bird and insect are teaching him, you may be silent.*  
(PESTALOZZI, apud NEIL, 2007)

Ou ainda poderíamos citar Martin Buber que para a educação *outdoor* é um grande contribuinte cujo foco é relacionamentos. Relacionamentos estes que muitas vezes passam despercebidos diante de nós e são fundamentais no conceito de ser humano. Buber acreditava que ao exercitarmos o relacionamento entre nós na sociedade desenvolvemos um relacionamento melhor com o mundo que nos cerca.

Dentre tantos outros que contribuíram como John Dewey, Jean Piaget, Lev Vygotsky, Eleanor Duckworth. De ideias sobre a epistemologia até sobre o trabalho da linguagem, e tantas outras formas na educação experimental que foram fundamentais no processo de formação e consolidação de uma base pedagógica para o ensino *outdoor*.

Nos estudos sobre a educação *outdoor* hoje temos alguns autores que são os grandes pensadores e educadores que vem contribuindo significativamente para a EO. Kurt Hahn foi o alemão fundador da *Outward Bound* e foi um dos primeiros idealizadores. Identificou vários problemas da sociedade moderna, e foi capaz de desenvolver soluções educacionais para estas, principalmente no que diz respeito ao ensino *outdoor*. (JAMES NEIL, 2008)

Colin Mortlock publicou seu livro “*the adventure alternative*” que tentou unir o montanhismo e atividades ao ar livre, com conceitos pedagógicos e educacionais. Deu ênfase no desafio das atividades *outdoor* e na superação através de atividades de aventura. (JAMES NEIL,2004)

Simon Priest já citado anteriormente um dos grandes responsáveis pela nova definição de educação *outdoor*. Sempre orientando sobre a importância da liderança efetiva e da docência nos programas de educação *outdoor*. Junto com Mike Gass produziu diversas técnicas para facilitar as atividades *outdoor*.

Jasper Hunt identificou e articulou muitos problemas e dilemas éticos no ensino *outdoor*. Steve Bowles criticou o tipo de “ensino de produção” argumentando a necessidade da socialização e política; enfatizando as utilidades da educação *outdoor*. Peter Martin foi um australiano que estudou e pesquisou sobre a profundidade das relações entre pessoas e lugares através da educação *outdoor*. Estes são apenas alguns exemplos de pesquisadores que vem se dedicando e contribuindo com a educação *outdoor*. (JAMES NEIL, 2004)

## **2.6 EDUCAÇÃO OUTDOOR E A PEDAGOGIA CONSTRUTIVISTA**



Quando consideramos novos conceitos para as salas de aula num mundo repleto de mudanças, vem a mente a “pedagogia construtivista” e a “educação *outdoor*”. Ambas as ideias fogem um pouco das formas tradicionais de ensino, mas normalmente pessoas que defendem a educação *outdoor* dizem que o aluno durante o processo de aprendizado sempre sabe algo, de uma forma ou de outra. De acordo com a visão construtivista os indivíduos constroem e somam o seu conhecimento à medida que ele experimenta o mundo real. (DAHLGREN AND SZCZEPANSKI *apud* SEYFRIED, 2002 p.15).

Uma abordagem construtivista representa a afastamento da ideia de que o conhecimento é uma verdade absoluta e que pode ser passada de uma pessoa para outra. Ela afirma que as verdades podem ser observadas independentemente. A pedagogia construtivista seria uma forma de dialogar pontos de vista, diferentes ideias e o reconhecimento destas. Isto significa que o construtivismo vai contra as formas de tentar apenas repassar o conhecimento para ouvinte.

Analisando através de uma visão construtivista, durante muito tempo o mundo foi apresentado como uma única verdade objetiva, como uma única realidade. Quando na verdade vemos o mundo através de diferentes realidades de cada observador. O aluno era apenas um expectador, pouco importando a sua própria realidade. Sendo assim ele encontrava vários problemas simultâneos na escola (SEYFRIED, 2002, p.16).

Espera-se que ele abandone a realidade que foi criada por ele para aceitar a realidade imposta por um desconhecido, no caso o professor. Esta nova realidade não tem nenhuma relação cognitiva, emotiva e afetiva com o mundo que ele criou. Deveria então o aluno ter diferentes pontos de vistas? Sabendo este que poderia ter uma resposta negativa do professor.

É bem claro que qualquer escola teria problemas com este método ou forma de ensino, mas se a escola reagir desta situação apenas aumentando a sua metodologia, nós corremos o sério risco de perder a espontaneidade.

De acordo com uma nova visão construtivista proposta por Reich (1996:118 *apud* SEYFRIED, 2002 p. 16,), pode ser considerado uma das bases da pedagogia construtivista.

-Construção: Nós criamos nossa realidade. Na comunicação, nós trocamos nossas diferentes formas de ver as coisas. Cada forma de ver as coisas é uma construção. Nosso objetivo não é convencer os outros o valor de nossa forma de ver. O que importa é a realidade de cada um, e que ele mesmo construiu.

-Reconstrução: Nós descobrimos nossa própria realidade. Reconstruir significa construir nossa realidade com a referência de construções já prontas. Nossas construções antigas são redescobertas.

-Desconstrução: Nós destruimos nossa realidade. Desconstruir significa questionar nossas construções e construir novas.

Por fim temos de um lado o conhecimento apresentados pela escola, e do outro temos os interesses e conhecimentos do aluno. Com algumas exceções, mas normalmente o aluno não consegue achar um espaço para construir sua própria realidade em sua escola ou sala de aula, concluindo que o óbvio seria achar lugares que ele poderia experimentar diretamente e fazer associações concretas. Um pensamento direto na perspectiva *outdoor* seria de analisar a natureza do ambiente em que estamos, pois nos permite fazer, construir individualmente e desconstruir sobre coisas que foram criadas da subjetividade. O indivíduo pode atribuir a sua interpretação, descrever valores e experimentá-las com relevância e em contato com a sua própria realidade (SEYFRIED, 2002, p.16).

Vendo através desta perspectiva, a educação *outdoor* não é nenhum método novo, muito menos um novo conceito, mas quem sabe uma resposta e uma interpretação. Talvez uma nova construção, uma resposta ao sistema educacional que vive em constante mudança. E para que a construção de nossas realidades ocorra num processo mútuo, de trocas, compreensão e cooperação; precisamos uns dos outros.

## **2.7 EDUCAÇÃO *OUTDOOR* NO MUNDO**

Hoje em dia os programas de educação *outdoor* ocorrem em todas as áreas da educação e da formação profissional. Mas o nosso foco é educacional e na educação básica e fundamental, normalmente através de escolas e instituições privadas. Os

programas podem ser bem variados, desde curta duração como um período de aula, até programas intensivos de uma semana numa locação privada ou da própria escola. Algumas destas escolas possuem uma sede campestre que apresenta uma horta, lagos, bosque, etc. Estas sedes auxiliam nas aulas e nas atividades. Algumas escolas de ensino médio ou superior têm matérias específicas de educação *outdoor* que são parte integrante do currículo.

Lógico, que estes programas não estão em sua grande abundância aqui no Brasil, estes programas geralmente estão concentrados em países como Canadá, Estados Unidos, Alemanha Reino Unido, Noruega, Suécia, Finlândia, Austrália, Nova Zelândia. Estes países que tem uma história na EO. Vários deles já possuem Universidades e cursos de mestrado e doutorado próprios voltados pra esta área.

É comum nos EUA e Europa encontrar programas longos, que são muito mais eficazes e produtivos do que os de curta duração. Não é raro encontrar locais onde você deixa seu filho por uma semana ou mais numa colônia de férias por exemplo. Um exemplo é o caso apresentado no trabalho de Suzani Cassiani de Souza e Carlos Eduardo Pilleggi de Souza numa escola de ciências americana, onde foi feito um levantamento crítico de problemas e falhas no currículo de ciências do acampamento que fornecia a prática *outdoor*. (SOUZA, S. C & SOUZA, C.E.P, 2001)

Vale apenas lembrar outro fato muito importante é que em alguns destes países está forma de ensino está na cultura do povo e passeios pedagógicos “*outdoor*” acontecem semanalmente nas creches e escolas. Grande parte destes países citados tem uma forte ligação com o cuidado de suas riquezas naturais, políticas públicas que protegem parques nacionais, áreas de preservação, grandes investimentos públicos e privado e um grande apelo da sociedade para este fim.

## **2.8 A EDUCAÇÃO *OUTDOOR* NO BRASIL**

No Brasil ainda caminhamos em passos curtos. Com a pouca divulgação e problemas culturais, não temos uma cultura envolvida e engajada com o ensino *outdoor*. Mas no Brasil, de maneira geral, grande parte das escolas não possui qualquer

tipo de programa ou aulas com esta temática, com raras exceções. Muitas delas nem sabem da existência desta possibilidade de ensino fora da sala de aula. No estado de São Paulo é onde se encontram a maior parte das estruturas e propostas pedagógicas para a educação no ensino *outdoor*. Grande parte pela demanda, e pela facilidade de acesso de uma população enorme proveniente da capital do estado. Em outras regiões ainda é muito fraco.

Outro fato muito interessante de se observar é a ausência de programas de longa duração, não é possível estabelecer apenas um motivo, mas acredito que um deles são as questões socioculturais envolvidas que fazem com que os programas mais comuns sejam com as escolas e perdurem apenas por curto espaço de tempo, como um dia, no máximo dois. Talvez a questão financeira seja um fator, pois acampamentos não conseguem manter uma equipe de monitores se eles não possuem uma demanda para ela.

Uma das linhas que tem sustentado financeiramente e movimentado as instituições que promovem a EO é a de treinamento e gestão de equipes com atividades *outdoor*. Hoje é a grande demanda e que tem se utilizado basicamente pela necessidade das equipes de trabalho dentro das grandes corporações e empresas.

É bem comum ver empresas buscarem desde *coaching*<sup>1</sup>, até atividades *outdoor* com a função de promover o relacionamento entre seus funcionários. Mesmo com as empresas utilizando muito esta forma de ensino, as escolas pouco têm aproveitado e utilizado a EO no seu currículo.·.

---

<sup>1</sup> *Coaching* é um processo de desenvolvimento humano que usa de técnicas da Administração de Empresas, Gestão de Pessoas e do universo dos esportes para apoiar pessoas e empresas no alcance de metas, no desenvolvimento acelerado e, em sua evolução contínua.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como instrumento de coleta de dados foram realizadas entrevistas abertas e observação junto a alunos e professores de escolas tradicionais que participaram de uma experiência “*outdoor*”. Foram analisadas também as propostas pedagógicas da instituição que ofereceu as atividades “*outdoor*”, que no nosso caso é o acampamento Terra Vivas. Além de um pequeno questionário semi-estruturado para a coordenadora das ações no acampamento sobre as propostas pedagógicas.

Infelizmente não foi possível utilizar os questionários com os alunos e professores por motivos de cronograma. Durante o período de investigação e aplicação, as escolas cancelaram seus passeios pedagógicos, e durante todo o período de coleta de dados não ocorreu nenhum passeio pedagógico.

Felizmente já havia observado alguns passeios pedagógicos e foi possível investigar, observar e entrevistar professores, coordenadores e monitores que participam destas atividades seja como instrumento de trabalho, ou utilizando o local do programa com suas escolas ao menos uma vez ao ano.

Tenho atuado como um monitor do acampamento terra viva há quase cinco anos, por este motivo, tive acesso irrestrito e uma grande liberdade de atuar, entrevistar e pesquisar de maneira muito objetiva e sem interferências externas.

#### 3.1 ACAMPAMENTO TERRA VIVA

Na região de Curitiba é muito difícil encontrar um lugar que oferece além de passeios recreativos também uma proposta pedagógica. Entretanto foi encontrado um lugar que segue a linha proposta. O local se chama acampamento Terra Viva.

O acampamento Terra Viva é uma organização de direito privado, essencialmente evangélica, educacional, filantrópica, cultural, recreativa, missionária e sem fins lucrativos, atuando desde 1994 na promoção de acampamentos, atividades de complementação pedagógica e treinamento empresarial em ambiente externo.

Utiliza-se a Chácara Terra Viva para o desenvolvimento das atividades, dispõe-se de uma área de 60.000 m<sup>2</sup> com animais, bosque, sala de ciências naturais, área esportiva e de lazer (piscina, campo de futebol, quadra de vôlei/streetball, parede de escalada além de refeitório, alojamentos para 60 pessoas, salão de reuniões e salão de atividades. Somado a isso possui instalações rurais com estábulo, galinheiro, minhocário, horta orgânica e pomar. E é destes que produz parte dos alimentos consumidos durante os eventos.

A chácara Terra Viva se localiza em Quatro Barras, a 19 km de Curitiba, próximo ao contorno leste proporcionando um fácil acesso a diversos grupos que vem para usufruir as instalações tanto de Curitiba, quanto quem vem da região metropolitana e outras cidades.

Dentro da proposta de treinamento empresarial o Terra Viva é utilizado como local de treinamento para projetos de capacitação de empresários, gerentes e líderes de diferentes áreas da empresa. Segundo eles fora da cidade, em um ambiente rústico e bastante diferente do cotidiano, é possível promover um melhor relacionamento entre a equipe, favorecendo a comunicação interna e a criatividade.

O programa oferecido consiste na revisão dos objetivos da empresa, melhorando desse modo seu desempenho e o resgate do indivíduo como parte integrante do processo produtivo. Para isso, todos os recursos do local são utilizados em dinâmicas específicas e atividades recreativas, cooperativas e desafiadoras, como enduro, jogos de campo, orientação. Que conduzem de forma extremamente agradável aos resultados propostos. Os treinamentos podem também ser realizados em outros locais e estados, sendo adaptados aos espaços disponíveis conforme as necessidades dos clientes.

Para os programas e passeios pedagógicos o Terra viva oferece as escola uma boa oportunidade de juntar aprendizado, diversão e passeio em um único evento, além de um programa personalizado que vai ao encontro das suas necessidades.

O programa pode ser escolhido entre meio período e período integral. O meio período oportuniza o aprendizado através de atividades específicas conforme o conteúdo programado e abordado pela escola. Temas que podem ser trabalhados: animais silvestres, água, solo, animais domésticos, cadeia alimentar, botânica, cultivo e

desenvolvimento de hortaliças, educação ambiental, entre outros. Com a duração de cerca de 2 horas e 30 minutos indicado para a educação Infantil e ensino Fundamental.

O período integral vai além dos conteúdos citados acima, é possível o desenvolvimento de atividades recreativas e lúdicas focando na cooperação e integração dos alunos, estimulando a criatividade, desenvolvendo a socialização, independência e integração com a natureza.

Algumas atividades possíveis são jogos cooperativos, esportes coletivos (vôlei, futebol, caçador, beisebol), parede de escalada, enduro, jogos de orientação, brincadeiras no bosque, piscina, etc. Normalmente tem a duração de 7 horas e é indicado para ensino fundamental e médio.

Todos os programas são personalizados e adaptados conforme a faixa etária e o interesse da escola. As professoras e diretoras são livres para sugerir, indicar, remover ou opinar em várias das atividades propostas. O Terra viva possui uma equipe de profissionais e monitores qualificados que orientam as atividades, facilitam a aprendizagem e proporcionam motivação e segurança aos alunos.

### **3.2 OBSERVAÇÃO *IN LOCO*: “*DAY CAMP*”**

No acampamento Terra Viva acontecem muitas visitas de escolas, principalmente escolas particulares da região de Curitiba que procuram os serviços para um passeio pedagógico guiado ou um passeio recreativo. Nos passeios pedagógicos temos uma proposta temática específica, algum dos temas já trabalhados são: animais silvestres, água, solo, animais domésticos, cadeia alimentar, botânica, cultivo e desenvolvimento de hortaliças, educação ambiental, entre outros.

Em outros casos, escolas escolhem apenas passeios recreativos e com jogos cooperativos. Interessante notar que algumas escolas municipais e estaduais também frequentam o Terra Viva, tanto para atividades recreativas, quanto para os passeios pedagógicos.

O *day camp* é o nome dado a atividade de um dia no acampamento, podendo ser de meio período ou período integral. Existe também a possibilidade de passar mais

de um dia no acampamento, ou dormir lá também, mas esta última não é muito utilizada por escolas.

E como abranger todos estes temas em um dia fica muito difícil, tende-se a escolher um tema e tentar desenvolver o programa a partir dele. Como estive presente em vários destes “*day camps*” e com temáticas diversas tentarei descrever como foi e de maneira mais geral, citando algumas atividades que poderiam ser feitas em cada momento e descrevendo de maneira geral o funcionamento de um “*day camp*” no acampamento Terra viva.

Um *day camp* inicia-se muito cedo, pois dependendo do horário de início tanto os alunos da escola que frequentaram o local, quanto os monitores e orientadores que ajudaram neste dia tem que levantar cedo. Os monitores são estudantes ou graduados em várias áreas do conhecimento, mas normalmente compostos por estudantes da área biológica como: ciências biológicas, agronomia, educação física, medicina, entre outros. Eles chegam ao acampamento por volta das 8 horas da manhã, onde se tem uma reunião com o coordenador orientando sobre quais as atividades que irão fazer quem é a escola, qual a realidade da escola, o tema do “*day camp*” e a responsabilidade de cada um.

O coordenador do acampamento é um engenheiro agrônomo de formação e com experiência em acampamentos há mais de 20 anos onde ele aplica a metodologia da educação *outdoor*. Ele ainda possui experiência em promoção, marketing e relacionamento humano. Ele reside no local, facilitando em muito toda a dinâmica da equipe.

Com a equipe pronta e orientada ficam no aguardo do ônibus que traz a escola que virá para a visita. Normalmente grupos entre 30 e 50 alunos com a presença de alguns pais e professores.

Os alunos chegam e são orientados para ir tomar um café da manhã, reforçado com frutas, pães e alguns cereais. Após são guiados a uma sala ao lado onde recebem algumas instruções desde procedimentos de segurança, apresentação da equipe e orientações gerais. Terminando isso os alunos são conduzidos para seus quartos, onde deixam seus pertences e caso necessário, trocam de roupa para a atividade.



Após isto, inicia as atividades. Normalmente com um jogo de interação e gasto de energia, seguido de uma atividade temática combinada com jogos cooperativos. Dependendo do tema envolve uma temática diferente, mas sempre com a cooperação ao invés da competição em foco. Se o tema for água, por exemplo, terá jogos relacionados com a água, podendo ser orientado sobre o princípio de não desperdiçar. É o caso de uma das provas denominada “aquaduto” que consiste em conseguir transportar determinada quantidade de água até outro local sem perdê-la, contando apenas com canos e as pessoas do seu grupo para realiza-la.

Estas atividades cooperativas de início já servem como um bom termômetro para ver a interatividade da turma. Começa um primeiro contato entre monitores/alunos/professores. Estes jogos são normalmente divertidos e fazem com que os alunos experimentem algo divertido sobre o tema proposto. Após os jogos faz se um “*feedback*” com algumas perguntas para os grupos, por exemplo, como foi à atividade? O que faltou para conseguirem os objetivos? Quais são propósito da atividade e o que aprendemos com ela. Os monitores e o coordenador auxiliam nesta parte de orientação e processamento do conteúdo inerente a atividade.

Propõe que eles façam uma autoavaliação de como foram na prova, e que tentem analisar o desempenho do grupo durante as atividades. Através da própria ideia dos alunos procura-se estabelecer pontos positivos e negativos da equipe durante a prova.

Normalmente após esta atividade temos um tempo livre onde os alunos podem relaxar um pouco na piscina, jogar futebol e qualquer atividade de recreação. Neste período você acaba conhecendo, não só os alunos, mas também os pais e professores. O ambiente do terra viva é bem aberto, ou seja, nada de ambientes fechados. A grande maioria dos ambientes são separados uns dos outros, o que promove obrigatoriamente um contato com a natureza. É fato que existem ambientes fechados, mas o traslado entre eles é por meio de trilhas e bosques, ao ar livre.

O almoço normalmente por volta do meio dia é sempre farto e bem caprichado com opções para vegetarianos e também aos carnívoros. Interessante saber que possui várias opções para quem porventura possui algum tipo de alergia a alimentos

como, alérgicos a glúten, alérgicos a leite, etc. Após o almoço existe um tempo para relaxar, e após isso uma caminhada no bosque.

Dependendo do tema, neste momento podemos fazer várias intervenções. Onde pode se explicar as formações do solo ou ciclo da água, por exemplo. Normalmente tenta-se subtrair dos próprios alunos o que eles já possuem de conhecimento prévio ou o que eles estão tendo em sala de aula para que possamos analisar e discutir juntos sobre o assunto.

O passeio acaba sendo um passeio que falamos sobre sustentabilidade e outros temas. Espaços e oportunidades não faltam, podemos estar caminhando pela horta e explicar de onde foi colhido vários dos itens do nosso almoço. Existe ainda o minhocário explicando como funciona, visitar alguns animais domésticos e silvestres e dependendo do tema fazer uma visita a sala de ciências naturais onde os alunos podem ver muitas coisas interessantes encontradas no próprio acampamento. Vários tipos de serpentes, ratos, esquilos, insetos, águias, peles de coelho, vários itens interessantes que vem a somar com a proposta pedagógica. Um dos itens também muito apreciados pelos alunos são algumas vértebras de baleias. Este passeio informativo, descontraído e sempre muito proveitoso, traz muita informação, conhecimento e experiências significativas para os alunos.

Outro exemplo claro é que fica muito mais evidente o funcionamento de uma hidroelétrica, após passear pela pequena represa em um canto da propriedade ou ainda compreender a importância do cuidado com o solo e da água após vivenciar esta “overdose” de natureza com a qual muitos não estão acostumados.

Normalmente antes de tomar o lanche e encerrar o passeio existe outra atividade muito querida por todos que é chamada “enduro”. O enduro é uma atividade que em conjunto com sua equipe, deve-se superar seus medos como indivíduo e como equipe. Um conjunto de provas que devem ser superadas em equipe dentro do bosque, seja pela altura ou pelo tamanho do desafio os monitores são elementos motivadores e tem o trabalho de fortalecer os laços de relacionamento tanto entre eles, quanto com sigo mesmo. O fato de você precisar de ajuda e a dependência do outro são sempre muito proveitosas na formação do caráter de cada aluno ou pessoa que passa por tal atividade.

O enduro termina fortalecendo relações e promovendo uma atividade de superação onde você se põe a prova e as supera. Após o enduro ocorre o lanche e um tempo livre que antecede o retorno dos alunos para suas escolas.

Esta é uma descrição genérica de como normalmente ocorre em um “*day camp*” de escolas. Dependendo da escolaridade e idade dos integrantes ocorrem atividades mais apropriadas, mais difíceis, ou com um enfoque na necessidade de quem participa.

Interessante observar que é muito difícil encontrar algum dos alunos que não descreve com alegria algo novo que aprender, ou não demonstra o desejo de retornar.

## 4 ANÁLISES E DISCUSSÕES

As primeiras análises são fruto das entrevistas e questionários feito na cidade de Quatro Barras, que fica na região metropolitana de Curitiba. São relatos do acampamento Terra Viva que mostra um pouco da realidade curitibana no que diz respeito às atividades da educação *outdoor*. Esta análise é bem local, não é representativo de todo o Brasil, mas é uma realidade do acampamento Terra Viva e das escolas que usam e frequentam o local.

A análise de quem oferece foi feita através de uma entrevista com os donos e coordenadores do acampamento terra viva, além de um questionário respondido pelos mesmos. A análise de quem frequenta foi entrevistados professores cujos alunos participaram de atividades *outdoor* no acampamento terra viva, tanto de escolas públicas, como particulares; a análise foi feita a partir da conversa com os mesmos e com as entrevistas. E da mesma forma foi feito com quem auxilia ou monitora o acampamento através das atividades *outdoor*.

### 4.1 A AVALIAÇÃO DE QUEM OFERECE

Para manter estes programas abertos, é difícil. Não tem tanta visibilidade e alguns meses do ano ficam sem escolas. Mas como o caso do acampamento terra viva, a tradição e clientela fiel permite que eles se mantenham funcionando.

Ponto interessante na entrevista que fiz com a coordenadora deste projeto é que mesmo oferecendo um programa personalizado, o sucesso aqui no Paraná é ainda muito aquém de outras regiões do Brasil, diz ela. A maioria das escolas não sabe o que quer, e a maioria acaba preferindo apenas passeios recreativos.

A mais de 20 anos fazendo passeios pedagógicos, eles tem recebido um bom "*feedback*" das escolas. Algumas escolas como o colégio Suíço Brasileiro voltam todo

ano com as turmas para estudar "o ciclo da água", ou ainda trazendo um tema chamado "do grão ao pão", mostrando processo de panificação.

Mas não são somente escolas particulares, escolas municipais também utilizam nossos serviços e sempre querem voltar. A propaganda boca a boca nos ajuda bastante, algumas escolas nos ligaram porque receberam uma boa avaliação de professores e diretores de outras escolas, e isso nos ajuda muito.

Tem sido muito prazeroso trabalhar com educação *outdoor* nestes últimos anos, apesar de ainda não ter a visibilidade que gostaríamos tem mudado a forma de ver o mundo de várias crianças e adultos.

## **4.2 A AVALIAÇÃO DE QUEM FREQUENTA**

As escolas que frequentam uma primeira vez tendem a retornar. Principalmente as que realizam os passeios pedagógicos e não apenas os recreativos. Alunos e professores também costumam gostar da experiência querendo sempre voltar no próximo ano.

Alguns professores e diretores que são os representantes oficiais da escola no acampamento, gostam da interatividade com o meio, e mesmo que não seja o passeio pedagógico, a própria visita guiada e as atividades cooperativas e de superação fazem um grande diferencial nos alunos. Algumas mudanças são claras e evidentes, outras nem tanto, mas o que acontece é que em média grande parte dos alunos gostam de estar aqui e querem voltar.

A experiência da visita muitas vezes é aproveitada em conteúdos que são tratados após o passeio, o que auxilia e complementa na sala de aula. O ambiente *outdoor* proporciona ao aluno poder construir novas pontes e se divertir. O primeiro contato sempre é de alegria, a emoção por estar fora da escola, e as novidades, o ar fresco, atividades diferentes que proporcionam um ambiente favorável ao aprendizado das crianças.

Este dia fora da escola também os ajuda a recarregar as baterias e dar nova energia para as aulas que estão por vir. E ainda ocorre uma briga na escola para ver

quem vão ser os professores que vão acompanhar a turma, quem vem em um ano, fica de próxima no próximo passeio afirma uma das professoras.

### 4.3 A AVALIAÇÃO DE QUEM MONITORA E AUXILIA

Para os monitores é um sentimento muito gratificante, principalmente daqueles que estão estudando para serem professores nas disciplinas de ciências naturais e biológicas. É um primeiro contato com a prática docente e de monitoria onde se recebe uma ajuda de custo e ainda tem a oportunidade de passar o dia fazendo e realizando atividades com os alunos.

É muito interessante que, como os alunos estão num ambiente novo, a energia e o entusiasmo dos primeiros instantes é muito fácil de trabalhar. Canalizando isso para os passeios e atividades temos uma boa conversa e um bom relacionamento com os alunos. Um fato interessante é que muitas vezes eles voltam no outro ano e ainda se lembram do nosso nome e as atividades que fizemos, mas nós monitores não conseguimos nos recordar dos nomes deles e nem quais atividades realizamos.

A utilização da educação *outdoor* tem se mostrado eficaz não só para os alunos, mas também para nós monitores, numa necessidade de estar continuamente aprendendo e renovando os conhecimentos científicos.

A forma com que fazemos aqui, de apenas um dia não nos proporciona um relacionamento mais próximo com os alunos, mas sabemos que aqui no Brasil experiências de mais dias é quase inviável. Mas esperamos que a nossa parte e nossos princípios sejam passados aos alunos. Muitas vezes é apenas um gesto, uma nova história ou uma atividade, mas a recompensa pelos sorrisos e bons momentos já valem o dia.

Muitos dos monitores foram criados naquele acampamento e tiveram forte influência das atividades realizadas lá. E após certa idade querem retornar ao acampamento e serem monitores das atividades. Interessante observar o sentimento de pertencimento das pessoas com o ambiente, não ao local físico, nem a estrutura, mas um pouco da paixão que sentem ao estar ensinando no ambiente que eles gostam.

#### 4.4 DISCUSSÃO GERAL

Após análise e observações feitas é possível começar um dialogo sobre a importância e eficiência da EO no ensino de ciências e biologia. Analisando todos os aspectos e pessoas envolvidas temos um resultado que me parece óbvio. A educação *outdoor* como “ferramenta” de ensino vem produzindo resultados discretos, no entanto resultados que agradam muito aos que se utilizam dela.

Numa análise inicial podemos afirmar que o trabalho que vem sendo feito tem dado bons resultados, tanto pela fidelidade das escolas como pela presença de monitores e orientadores que foram frutos desta forma de ensino. A adaptação da educação *outdoor* a nossa cultura e localidade tem que ser feita e aproveitada ao máximo o que podemos oferecer lá.

Por exemplo, a duração das atividades talvez não seja possível durante as aulas ou durante o semestre, mas quem sabe promover acampamentos de férias onde os alunos possam entrar neste mundo durante mais tempo possibilitando extrair ao máximo as coisas boas que podemos tirar destas atividades.

É evidente que não quero elevar a EO em uma nova maneira de ensinar, mas utilizando ela é possível buscar valores e princípios que são importantes não somente na formação do aluno, mas na formação do cidadão.

E também ficou claro que existem vários fatores que atrapalham o desempenho e a qualidade do ensino *outdoor*. Alguns deles são o medo e a preocupação com a saúde e a segurança durante os programas, a falta de confiança dos professores em ensinar fora da sala de aula, o currículo escolar limita e prejudica a sua utilização, a falta de tempo, a falta de recursos, falta de apoio também são fatores que atrapalham a eficácia de se utilizar a educação *outdoor*. (JUSTIN DILLON, 2006)

Entretanto apesar de alguns problemas, várias pesquisas já apontam grandes conquistas da educação *outdoor* como uma percepção e socialização mais integral, integração racial, integração com grupos minoritários e melhora da relação aluno/professor (CROMPTON AND SELLAR, 1981).

Está discussão é muito válida e útil, pois proporciona cada vez mais um refinamento da educação *outdoor* e trazendo cada vez mais para perto das pessoas.

As evidências apontam que a educação *outdoor* tem impactos benéficos nos participantes. E para um programa ser bom, ele precisa ser planejado com muito cuidado, bem implementado e seguido. Isto sem falar que deve ser acompanhado de perto pelas escolas. Desde o planejamento das atividades os professores e monitores precisam estar cientes dos medos e fobias dos alunos, para que a experiência e o aprendizado dos alunos seja priorizado. (JUSTIN DILLON, 2006)

A experiência encontrada no acampamento terra viva é muito interessante, mesmo que com alguns problemas como a distância entre a escola e o acampamento, a falta de acompanhamento dos professores e o tempo curto dos “*day camp*”, tem proporcionado em contrapartida um tempo de qualidade, oportunizando o desenvolvimento interpessoal e intrapessoal, e promovendo a socialização e integração dos alunos com o ambiente em que vivem.

Interessante perceber que meus resultados são semelhantes aos encontrados por Dillon e seus associados quando revisaram mais de 150 artigos sobre os impactos da educação *outdoor* publicados nos anos de 1993 a 2003. Onde ficou constatado que alunos que fizeram visitas *outdoors* além de lembrar muito bem do que aprenderam ainda lhes foi possibilitando desenvolver conhecimentos e habilidades de uma forma que agregou valores as necessidades diárias da sala de aula e do dia-a-dia do aluno.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O elemento que falta em muitos currículos nos dias de hoje é o deleite e a alegria da descoberta. As salas de aula quando entendidas para fora, nos proporciona o cenário onde o aluno pode aproveitar a pura emoção de aprender ao caminhar, a alegria de aprender com os pés no chão. (HAMMERMAN AND HAMMERMAN *apud* CROMPTON AND SELLAR, 1981, tradução nossa)

A educação *outdoor* não veio para substituir nenhuma outra forma, mas sim somar. Veio trazer uma forma de interação, veio trazer uma forma de relacionamento para somar. Um programa *outdoor* bem planejado pode auxiliar e ajudar alunos e professores de uma forma a facilitar a interação entre eles possibilita situações de inserção onde o conhecimento proveniente de sala de aula é útil e essencial.

No Brasil o assunto ainda é desconhecido e esperamos que logo seja mais utilizado por escolas e instituições a fim de auxiliar e ajudar a reestruturar e melhorar a educação brasileira. Isso sem mencionar a importância de transformar, não somente pelos fatores educacionais, mas também pelos valores de superação, igualdade, relacionamento, cooperação, cuidado com a natureza entre outros valores transferidos e apoiados pela EO.

Futuros estudos focados na área da educação *outdoor* devem ser feitos. Desde inserções pontuais e a luta por um “espaço” nos currículos escolares seriam muito interessante, mas acima de tudo continuar contribuindo e levando pessoas a conhecer a educação *outdoor*.

Creio muito no impacto positivo que esta pode fazer na educação brasileira. Historicamente não somos uma nação que está engajada neste tipo de atividades, temos uma tradição e uma cultura que não nos proporcionou isso, mas após conhecer vários destes lugares onde ela é praticada não somente como uma disciplina ou parte de um currículo, mas onde a cultura a carrega, vemos sinais positivos e de um futuro melhor. Ensinar sobre o cuidado ambiental e social são valores que eu acredito ser de extrema importância para a sociedade brasileira atual.

Com este trabalho busquei mostrar uma das ferramentas de ensino que eu acredito que pode ajudar a transformar a educação brasileira. Auxiliando professores e alunos numa melhora de relacionamentos, numa melhora social, num desenvolvimento de cidadãos que valorizam e reconhecem o valor da educação, do meio ambiente e da sociedade.

*Let mountains speak for themselves and students may only hear the echoes of their hopes and fears – or silence. Let facilitators talk too much and that is all that students will hear. Give students a chance to voice their experiences and you and they will find endless rewards in learning from experiences outdoors. (ROGER GREENAWAY, 2004)*

Ir “*outdoors*” abre novos horizontes, e é uma jornada a um mundo ainda inexplorado. Onde as formas que as pessoas se vestem, beber, sentem e se comportam são diferentes. É um passeio onde as pessoas descobrem algo sobre si mesma, sobre as pessoas ao redor e sobre a natureza.

É possível que as mudanças e os conhecimentos adquiridos pela vivência *outdoor* às vezes podem passar despercebidas, às vezes as pessoas não estão no “clima” da atividade, mas este contato direto com a natureza faz com que experimentemos o coração da educação *outdoor*.

A educação *outdoor* não é pela mudança de lugar, mas pela oportunidade de uma mudança muito maior, de uma experiência transformadora e que leva ao conhecimento. Um ambiente onde a discussão nunca é algo estático, simples, ou apenas de um exercício cognitivo. Ela tem sentimentos, sente raiva, frustração, conquista e diversão. (SCHOEL, PROUTY & RADCLIFFE *apud* ROGER GREENAWAY, 2004) .

A educação *outdoor* proporciona um ar puro e um ambiente novo. Este ambiente que pode proporcionar e inspirar uma nova maneira de aprender, privacidade para reflexões, oportunidades para caminhadas e conversar, gráficos humanos, um gigante quadro feito de terra e areia para desenhos e esquemas, e de momentos memoráveis e uma gigantesca oportunidades de aprender.

Mas mesmo com tantas evidências positivas e que valorizam a EO, é claro que precisamos sempre manter os pés no chão, pois sabemos dos limites e equívocos que

podem acontecer com a educação “*outdoor*” se não for muito bem pensada e aplicada. Como já dissemos aqui, de nada adianta tudo isso se nosso currículo apresentar falhas estruturais ou se não estamos preparados para ensinar, adequar ou adaptar a nossa realidade.

Trabalhar com a educação *outdoor* é preciso de muito esforço e muito trabalho duro, dedicação e paciência. É saber até onde podemos ir e é saber onde vamos chegar. Estudos futuros nos ajudarão a manter o foco e a aprimorar ainda mais sobre a educação *outdoor*, tentando evitar os pontos negativos, mas caso ocorram, aprender com os eles. Só assim poderemos realmente utilizar e aproveitar ao máximo o que a educação *outdoor* pode proporcionar para a educação brasileira.

## RERERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **“A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento”**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996

Crompton, John L., and Christine Sellar. **Do outdoor education experiences contribute to positive development in the affective domain?**. *The Journal of Environmental Education* 12.4 (1981): 21-29.

De Almenida, Marcus Mello. **Atividades em ambientes naturais e afetividade nas aulas de biologia: Um estudo de caso**. Diss. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, (2013)..

Dillon, Justin, et al. **"The value of outdoor learning: evidence from research in the UK and elsewhere."** *School science review* 87.320 (2006): 107

Ford, P. . ***Principles and practices of outdoor / environmental education***. New York: Wiley(1981)

Ford, P. **"Outdoor Education: Definition and Philosophy."** (1986).

Gaspar, Alberto. **A educação formal e a educação informal em ciências**. *Ciência e Público: caminhos da divulgação científica no Brasil*, Rio de Janeiro: Casa da Ciência– Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. *Forum de Ciência e Cultura*. 2002.

Greenaway, Roger (2004). **Facilitation and Reviewing in Outdoor Education**.<http://reviewing.co.uk/articles/facilitating-outdoor-education.htm> Acessado dia 28 de novembro de 2013

Hammerman, W.M (Ed.) (1980). **Fifty years of resident outdoor education (1930-1980): Its impact on American education**. Martinsville, IN: American Camping Assiciation

Higgins, P and Nicol, R (2002) **Outdoor Education: Authentic Learning in the context of Landscapes** (Volume 2)

Jacobucci<sup>1</sup>, Giuliano Buzá, and Daniela Franco Carvalho Jacobucci. **Caracterização da estrutura das mostras sobre biologia em espaços não formais de educação em ciências**. *Biologia* 10.1 (2008).

Kunreuther, Flavio Theodor, and Osvaldo Luiz Ferraz. **Education outdoors through adventure: learning moral values in nature expeditions**. *Educação e Pesquisa* 38.2 (2012):

Marinho, Alcyane. **Atividades na natureza, lazer e educação ambiental: refletindo sobre algumas possibilidades.** Motrivivência 22 (2008): 47-70.

Neil, James. (2004). **Some Outdoor Education Philosophers**  
<http://www.wilderdom.com/philosophy/SomeOutdoorEducationPhilosophers.html>  
 Acessado em 02/12/2013

Neil, James.(2004) **The Adventure Alternative - Colin Mortlock**  
<http://www.wilderdom.com/philosophy/MortlockAdventureAlternative.html> .Acessado em 18/12/2013

Neil, James.(2006) **Purposes, Goals & Aims of Outdoor Education**  
<http://www.wilderdom.com/definitions/MethodPurpose.html> .Acessado em 18/12/2013

Neil, James.(2007) **Philosophy of Outdoor Education**  
<http://www.wilderdom.com/Philosophy.html> .Acessado em 18/12/2013

Neil, James.(2008). **What is Outdoor Education? Definitions**  
<http://www.wilderdom.com/definitions/definitions.html>. Acessado em 05/09/2013

Neil, James. (2008), **Dr. Kurt Hahn, On the Life & Philosophy of an Inspirational Educator.** <http://www.wilderdom.com/KurtHahn.html> Acessado em 02/12/2013

Praia, João, Daniel Gil-Pérez, and Amparo Vilches. **O Papel da natureza da ciência na educação para a cidadania.** Ciência & Educação 13.2 (2007):

Priest, S. (1986). **Redefining outdoor education: A matter of many relationships.** *Journal of Environmental Education*, 17(3), 13-15.

Quay, John, and Jayson Seaman. **"John Dewey and Education Outdoors: Making Sense of the Educational Situation through more than a Century of Progressive Reforms."** (2013).

Seyfried, Clemens,(2001) and Pädagogische Akademie D. D. Linz. **"A 'Construed' Link between Outdoor Education and Constructivist Pedagogy."** OUTDOOR EDUCATION : 15.

Smith, Thomas E., and Clifford E. Knapp, eds. **Sourcebook of Experiential Education: Key Thinkers and Their Contributions.** Routledge, 2010.

SOUZA, C. E. P. ; SOUZA, Suzani Cassiani de . SOUZA, S. C & SOUZA, C.E.P. **Contribuições para a educação ambiental numa escola de ciências norte-americana.** Ciência & Ensino.. Ciência & ensino, FE-Unicamp, v. 11, p. 27-31, 2001

YATES, Jane. **Philosophy for children and outdoor learning.** Horizons, v.52 , p.4-7, 2010.